

A Hora da Estrela, de Clarice Lispector: uma releitura psicanalítica

The Hour of the Star, by Clarice Lispector: a psychoanalytic reinterpretation

Douglas Silva Fernandes¹

Resumo: Esse trabalho pretende analisar as relações entre Literatura e Psicanálise na obra *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector, os estudos acerca da relação entre as duas disciplinas propiciam para o leitor uma maior familiarização com o autor e, conseqüentemente, com a obra. A leitura psicanalítica da obra de Clarice Lispector possibilita algumas justificativas para o estilo da autora que se dedicou a descrever o mais íntimo de si mesmo por meio de metáforas.

Palavras-chave: A hora da Estrela; Clarice Lispector; literatura; psicanálise.

Abstract: This work intends to analyze the relations between Literature and Psychoanalysis in the work *A hora da Estrela*, by Clarice Lispector, studies about the relationship between the two disciplines provide the reader with a greater familiarization with the author and, consequently, with the work. A psychoanalytic reading of Clarice Lispector's work provides some justification for the style of the author who was dedicated to describing the most intimate of herself through metaphors.

Keywords: Clarice Lispector; literature; psychoanalysis; The Hour of the Star.

A intersecção entre literatura e psicanálise

A psicanálise aplicada a obras de arte, literárias, plásticas, como também a acontecimentos históricos e, cada vez mais, a fatos e gestos, às cidades e aos campos, aos animais e às pessoas, dá freqüentemente uma impressão de gratuidade na interpretação, acompanhada por uma certeza de identificação. Instala-se diante da obra e descobre-se um autor atrás, acima, abaixo, ao lado dela. Busca-se, busca-se e acredita-se ter achado.

François Regnault

Os instrumentos da psicanálise aplicados em determinada obra literária são importantes para o leitor evidenciar os elementos psíquicos que compõem o texto. Nesse artigo, exclusivamente, pretendemos utilizar o instrumental da psicanálise para a leitura da obra *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector.

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Os estudos da obra clariceana abarcam uma multiplicidade de perspectivas teórico-críticas desde as mais tradicionais, contemplando análises da narrativa a partir de características próprias ao modernismo literário brasileiro, com ênfase no monólogo interior e no fluxo da consciência até a crítica feminista e, mais recentemente, abordagens centradas na crítica biográfica e cultural.

Dentre as inúmeras possibilidades de análise das obras de Clarice Lispector, optamos, para o desenvolvimento desse artigo, em centrarmos-nos no estabelecimento de relação entre Literatura e Psicanálise a partir da leitura de *A hora da estrela*, último romance publicado em vida por Clarice.

Desde o surgimento da psicanálise, criada pelas mãos do jovem Sigmund Freud, a interlocução com a Literatura tem sido bastante íntima e produtiva. Ao longo de toda obra de Freud, além de Sófocles, cuja peça serviu como ponto de partida para o psicanalista vienense formular o conceito básico de sua teoria, o Complexo de Édipo: “A Antiguidade nos deixou [...] uma lenda, cujo sucesso completo e universal só pode ser compreendido se se admite a existência de tendências semelhantes na alma da criança. Eu falo da lenda do Édipo-Rei e do drama de Sófocles” (FREUD, 2018, p.227-228), encontraremos referências aos mais diversos autores: Shakespeare, Dostoiévski, Ibsen, Maupassant, Irmão Grimm, Goethe, entre outros. Em uma de suas primeiras análises da Literatura, o texto “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen”, publicado em 1907, Freud, ao analisar o romance *Gradiva – uma fantasia pompeiana*, do romancista e dramaturgo alemão Wilhelm Jensen, irá registrar que:

Mas os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia. No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós. Homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (FREUD, 2015, p.16).

A hora da estrela, romance publicado por Clarice Lispector em 1977, apresenta, de acordo com Benedito Nunes, três histórias que “se conjugam, num regime de transação constante, em *A hora da estrela*. A primeira conta a vida de uma moça nordestina que o narrador, Rodrigo S.M., surpreendeu no meio da multidão” (NUNES, 1989, p.161). A segunda história seria a do próprio narrador interposto, Rodrigo S.M., “que reflete sua vida na da personagem, acabando por tornar-se dela inseparável” e, por último, a história da própria narrativa. Esse romance clariceano abre-se para a

investigação de temas comuns à psicanálise, tais como a morte, a solidão, o masoquismo e o sadismo e, também, a pulsão de morte. Uma passagem do romance é significativa para exemplificar a forma como esses temas são caros à literatura tanto quanto à psicanálise, se fazem presentes no trecho da narrativa:

Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que a vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua. Imaginavazinha, toda supersticiosa, que se por acaso viesse alguma vez a sentir o gosto bem bom de viver – se desencantaria de súbito de princesa que era e se transformaria em bicho rasteiro. Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma. Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. Essa economia lhe dava alguma segurança pois, quem cai, do chão não passa. Teria ela a sensação de que vivia para o nada? Nem posso saber, mas acho que não. Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar. Mas eu, que não chego a ser ela, sinto que vivo para nada. Sou gratuito e pago as contas de luz, gás e telefone. Quanto a ela, até mesmo de vez em quando ao receber o salário comprava uma rosa. (LISPECTOR, 2017, p.32).

Sendo assim, é relevante considerar que *A hora da estrela* não só relata a inocência de uma nordestina que não era nada no mundo, mas também no desejo de morrer que o narrador se propõe, é claro que a morte definida como gozo/amor parece ser inalcançável, mas ele sente a necessidade de morrer para ressuscitar. Clarice, propositalmente, deixa claro que é o narrador, uma figura masculina que sofre com a solidão, alcançou o que queria na vida, mas ainda assim precisa relatar a história de Macabéa, além de se enquadrar como Rodrigo S.M, Clarice em uma entrevista a Júlio Lerner, em 1977, relatou que nasceu e morreu em Recife, e um dia numa feira no Rio encontrou o ar meio perdido do nordestino, além de ter ido a uma cartomante e imaginado o quão engraçado seria que depois que ouvisse as coisas boas da cartomante, um carro a atropelasse ela morresse, a partir disso, segundo Lispector, começou a nascer a novela. A morte permeia a narrativa de *A hora da estrela*, como é visível no fragmento destacado em:

Via-se perfeitamente que estava viva pelo piscar constante dos olhos grandes, pelo peito magro que se levantava e abaixava em respiração talvez difícil. Mas quem sabe se ela não estaria precisando de morrer? Pois há momentos em que a pessoa está precisando de uma pequena mortezinha e sem nem ao menos saber. Quanto a mim, substituo o ato da morte por um seu símbolo. Símbolo este que pode se resumir num profundo beijo mas não na parede áspera e sim boca a boca na agonia do prazer que é morte. Eu que simbolicamente morro várias vezes só para experimentar a ressurreição. (LISPECTOR, 1998, p.83).

É importante considerar a prática interdisciplinar entre literatura e psicanálise, visto que por meio dos elementos textuais presentes na literatura os analistas literários são conduzidos a abordar uma realidade enigmática, talvez seja essa realidade que o leitor leigo tem curiosidade, como bem registrou Sigmund Freud. A linha tênue entre literatura e psicanálise explicita a intenção do sujeito que busca a literatura como válvula de escape, portanto o analista literário será extremamente importante porque descobrirá por intermédio de uma leitura minuciosa o mais íntimo do sujeito. Dessa forma, concordamos com Yudith Rosenbaum quando afirma que:

A primeira coisa que a psicanálise nos ensina é que existe uma realidade menos visível a olho nu e que para alcançá-la devemos partir do que se manifesta em sua superfície. E o que são essas manifestações? São resíduos muitas vezes insignificantes, dados marginais, pormenores triviais, recorrências, ambigüidades, desvios da norma. Esses elementos textuais seriam pistas que conduzem a núcleos íntimos tanto da subjetividade quanto do texto em análise. O que escapa ao controle do sujeito é o caminho do analista para captar realidades mais profundas, de outra forma inatingíveis. (ROSENBAUM, 2012, p.229).

Às palavras de Rosenbaum, citadas acima, podemos acrescentar o pensamento de Jean Bellemin-Noël que, desde a década de 1970, vem refletindo acerca das relações entre Literatura e psicanálise. Para Bellemin-Noël:

Em suma, já que a literatura carrega nos seus flancos o não-consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquilo que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las e até confundi-las. O conjunto das obras literárias oferece um ponto de vista sobre a realidade do homem, sobre o meio onde ele existe tanto quanto sobre a maneira como ele capta ao mesmo tempo este meio e as relações que mantém com ele. Este conjunto é uma série de discursos e uma concepção de mundo: os textos e a cultura sem interrupção. A doutrina psicanalítica apresenta-se de maneira quase análoga: um aparelho de conceitos que reconstroem o psiquismo profundo, e os modelos de decifração. Se o corpo do texto e o instrumental teórico pertencem a ordens diferentes da realidade (um material contra um instrumental de investigação) é preciso não perder de vista que a visão do mundo das *belas-letras* e a marcação dos efeitos do inconsciente funcionam do mesmo modo: são duas espécies de interpretação, maneiras de ler, digamos *leituras*. Literatura e psicanálise “leem” o homem na sua vivência quotidiana tanto quanto no seu destino histórico. (BELLEMIN-NOËL, 1978, p.13).

Sobre a relação entre Literatura e Psicanálise devemos registrar que uma crítica literária de cunho psicanalítico tem sido realizada pelas professoras da UFMG: Lúcia Castello Branco, Ruth Silviano Brandão e Ana Maria Clark Peres. As três têm publicados artigos e livros, além de orientado trabalhos de Mestrado e Doutorado, cujo foco de

abordagem é a intersecção entre Literatura e Psicanálise, sobre as duas grandes disciplinas, Ruth Silviano Brandão destaca:

A intersecção ou interlocução da literatura e psicanálise e da psicanálise com a literatura é possível? Produz efeitos que, de alguma forma, se acrescentam ao campo teórico das duas disciplinas que estão sempre transitando no campo da linguagem? Em qual lugar os dois saberes se tocam e é esse toque produtivo? (BRANDÃO, 1996, p.27).

Pulsão de morte, sadismo, masoquismo, erotismo e religiosidade em A Hora da Estrela

Clarice Lispector utilizou em muitos de seus escritos o sujeito feminino como exterior/familiar ou exterior/íntimo que Sigmund Freud aborda em seu texto clássico “Unheimlich” e que Jaques Lacan conceitua como “êxtimo”, conforme Marcia Zucchi destaca no artigo “Esse estranho que nos habita: o corpo nas neuroses clássicas e atuais”.

Para Freud a incerteza intelectual quanto à vitalidade dos objetos é fonte de estranheza e a aproxima da vida emocional infantil quando frequentemente se atribui vida a objetos inanimados (brinquedos, por exemplo). Freud articula este processo à clivagem do eu, à criação de um duplo imaginário, sede tanto das perfeições, como dos defeitos do eu, efeito do narcisismo. O corpo com suas fontes de estímulos pulsionais exercem um efeito de exterioridade em relação à unidade narcísica que é o eu, produzindo assim um efeito de estranhamento. (Marcia Zucchi, 2014, p. 4).

É possível relacionar as personagens femininas que Clarice Lispector utiliza com aquilo que é da ordem do estranho freudiano, essas personagens em contextos comuns deslocam o leitor a partir de um momento epifânico, momento este também caracterizado como corriqueiro, na maioria das vezes. Um conto bastante conhecido da obra clariceana é “Amor”, inserido no livro *Laços de Família*, publicado em 1960, no qual Ana, a protagonista em uma volta às compras se depara com um cego mascarando chiclete e em decorrência desse fato entra em epifania, e, inevitavelmente, a narrativa se transforma radicalmente, uma característica marcante da obra claricena.

A escritora não retratou apenas o sujeito feminino e suas epifanias em contextos do dia-a-dia nos seus contos, o livro *Paixão Segundo G.H.*, publicado em 1964, é bastante peculiar e no decorrer da narrativa pode ser caracterizado como grotesco. Nesse livro,

a massa branca de uma barata esmagada é o estopim para um momento epifânico vivenciado pela personagem G.H.

Neste artigo, como já mencionado, serão feitas algumas abordagens amparadas pela psicanálise na obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, publicado em 1977, ano em que a escritora faleceu. *A hora da estrela* é um romance que recebeu treze possíveis títulos e que narra a história de uma datilógrafa alagoana, Macabéa.

Uma primeira relação que pode ser realizada a respeito dos treze possíveis títulos da obra é com o conto *O mineirinho*, de Clarice Lispector, publicado em 1962, na revista *Senhor*, que trata de um personagem que foi morto com treze tiros, quando, segundo a autora, na entrevista ao jornalista Júlio Lerner, em 1977, comentou: "Uma bala bastava. O resto era vontade de matar". Dessa forma, evidencia-se o envolvimento da escritora com os problemas sociais, *Mineirinho* e *Macabéa*, dois personagens de diferentes obras, porém à margem da sociedade, assim Yudith Rosenbaum (ROSENBAUM, 2010, p. 179) destaca em "A ética na literatura: leitura de "Mineirinho" que: "curiosamente, os treze tiros da crônica surgem travestidos em treze títulos do romance, denunciando uma inextricável ligação entre as duas narrativas"

Em *A hora da estrela*, Macabéa é o tipo de sujeito caracterizado por Freud como descentrado, nesse sentido, constituído de pulsão e cultura que garantem o funcionamento da vida psíquica e orgânica, enquanto a pulsão de vida propicia aproximação, a pulsão de morte, em contraponto, a destruição. No caso de Clarice o próprio título estabelece que *A hora da estrela* remete à hora da morte, sobre o sujeito no discurso freudiano Joel Birman no livro *Estilo e Modernidade em psicanálise* (BIRMAN, 1997, p.10) aponta: "[...] o conceito de sujeito se constitui entre esses pólos, de forma que como modalidade de saber a psicanálise é irreduzível aos registros teóricos da biologia e da sociologia, evidenciando então a sua originalidade epistemológica."

Agora, no que diz respeito à obra clariceana, Rodrigo S.M., o narrador registra alguns anseios e momentos de instabilidade, algumas reflexões sobre si mesmo, informando e conceituando o que há de vir.

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de

concreto em benefício da moça. Moça essa – e vejo que já estou quase na história- moça essa que dormia de combinação de brim com manchas bastante suspeitas de sangue pálido. Para adormecer nas frígidas noites de inverno enroscava-se em si mesma, recebendo-se e dando-se o próprio parco calor. Dormia de boca aberta por causa do nariz entupido, dormia exausta, dormia até o nunca. (LISPECTOR, 1998, p. 23-24).

Conforme o narrador, Macabéia não era ninguém, Macabéia queria existir, como é tratada negativamente por Rodrigo S.M “olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma” (LISPECTOR, 1998, p. 25).

Por parte da crítica literária, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos aproximam-se tematicamente pela evasão de seus personagens para os grandes centros, Macabéia chega ao Rio de Janeiro com apenas 19 anos, sozinha, uma realidade típica de muitos nordestinos.

Retomando a questão sobre a pulsão de morte que caracteriza a protagonista como descentrada, há alguns elementos constituintes que fundamentam essa análise, pois, segundo Flávia Trocoli “No nome próprio, Macabéia, a evocação da morte. (...). Lembremos que macchabeé, em francês, significa cadáver. Além da afinidade sonora entre Macabéia e macabra” (TROCOLI, 2010, p. 58).

É considerada singular a relação entre a obra clariceana e a obra de Sigmund Freud, o pai da psicanálise, para aproximarmos o texto literário *A hora da estrela* ao instrumental psicanalítico é recomendável o estudo de um texto que foi construído a partir de conferências ministradas por Freud, em setembro de 1909, trata-se de “Cinco lições de psicanálise”, traduzido para o inglês por James Strachey que o considera um dos textos mais acessíveis para os estudos psicanalíticos da teoria freudiana.

As abordagens realizadas por Freud nessas conferências abrangem questões de histeria, hipnose, rompimento à hipnose, impulsos sexuais, erotismo, desejos, entre outros temas que, em alguma medida, podem ser aproximados à narrativa de *A hora da estrela*, além de ser um aparato para justificar a intersecção entre as disciplinas de Literatura e Psicanálise.

Antes de relacionarmos os estudos psicanalíticos à Macabéia, é de extrema importância ressaltar uma observação dos autores Lígia Maria e Sérgio Vicente no texto “O entrecruzamento erótico, pictórico e musical em *A hora da estrela*” que evidenciam a

presença do sadismo e masoquismo, no que se refere à Rodrigo S.M, o narrador complexo da obra em análise, nesse sentido, os autores destacam “Nas práticas eróticas, o sujeito que tem prazer com a dor de outrem é nomeado sádico, enquanto que o sujeito que se faz objeto de si mesmo, tendo prazer com sua própria dor, é chamado masoquista” (Winter, Motta, 2006, p. 1125)

Nessa perspectiva, o narrador personagem Rodrigo S.M, e aqui uma recorrência à origem do nome do personagem, anteriormente aqui realizado com o nome de Macabéa para tratar da pulsão de morte que a constitui e a define como sujeito descentrado, no caso de Rodrigo, observamos as iniciais de seu sobrenome (S)ádico e (M)asoquista. Essa observação refere-se ao sofrimento que Rodrigo S.M causa ao que ele criou e também ao que ele sofre por ela, e que certamente são sofrimentos permeados pelo prazer.

O sofrimento da jovem Macabéa para alguns leitores em alguma medida causa incômodo, pelo fato dela não reagir, Macabéa não reage, ela gosta de sofrer?

Os mesmos autores que destacam o sadismo e masoquismo em Rodrigo S.M, também apontam a relação de Macabéa com sua tia, sendo assim, Lígia e Sérgio analisam a presença de dor e prazer que constituíram a educação da jovem nordestina, esses apontamentos tornam-se plausíveis nas ocorrências das histórias de terror envolvendo sangue, contadas para amedrontar a menina Macabéa, além das punições que Rodrigo S.M narra.

Muito depois para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem. LISPECTOR, 1998, p. 28).

Por esse prisma, a educação que Macabéa recebeu de sua tia é pode ser relacionada ao sadismo pelo prazer de punir a sobrinha, a aversão a homens, receio da sobrinha se tornar prostituta, além da obrigação de moldar Macabéa seguindo os princípios de uma moral religiosa, a necessidade de adestrar e coibir os desejos sexuais da jovem, nesse sentido, é válido salientar a afirmação de Sigmund Freud em “Cinco lições de psicanálise” quando aborda a questão dos impulsos sexuais:

Já antes da puberdade, sob o influxo de educação, certos impulsos são submetidos a repressões extremamente enérgicas, ao mesmo passo que surgem forças mentais - o pejo, a repugnância, a moral - que como sentinelas mantêm as aludidas repressões. Chegando na puberdade a maré das necessidades sexuais, encontra nas mencionadas reações psíquicas diques de resistência que lhe conduzem a corrente pelos caminhos chamados normais e lhe impedem reviver os impulsos reprimidos. Os mais profundamente atingidos pela repressão são primeiramente, e sobretudo, os prazeres infantis coprófilos, isto é, os que se relacionam com os excrementos, e, em segundo lugar, os da fixação às pessoas da primitiva escolha de objeto. (FREUD, 1931 [1909], p. 29).

É transparente na narrativa os resultados negativos da educação que Macabéa recebeu, a inocência exacerbada de Macabéa a impede de viver sua sexualidade plenamente, ela não se permite devido à repressão que tivera na infância e na adolescência, o rompimento de seus desejos infantis e os castigos recebido pela sua tia implicou diretamente na vida da pobre jovem, tão pobre que só comia cachorro-quente.

As pancadas ela esquecia pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida. Pois não era que esse castigo se tornara o predileto da tia sabida? A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida. (LISPECTOR, 1998, p. 28-29).

Em contrapartida, a cartomante Madame Carlota, personagem da obra *A hora da estrela*, vinculada fortemente à imagem da atriz Fernanda Montenegro, na qual fez o papel da personagem no filme baseado na obra, lançado em 1985, dirigido por Suzana Amaral, convive de forma harmoniosa com a religião e o erotismo, como o relato da própria cartomante na obra revela:

“- Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por Ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranjou um jeito de eu fazer sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres. Aí eu ganhei dinheiro e pude comprar este apartamentozinho térreo. Larguei a casa de mulheres porque era difícil tomar conta de tantas moças que só faziam era querer me roubar.” (LISPECTOR, 1998, p. 73).

A linha tênue entre a religião e a repressão dos desejos sexuais na criação de Macabéa implica diretamente na falta de pertencimento da nordestina, assim como, na sua espiritualidade, como aponta Maria José Barbosa (2001, pg. 43), a nordestina “representa uma ausência, um significado vazio: de acordo com a visão do narrador, ela não tem valores nem habilidades que a façam socialmente aceitável e fisicamente

desejável”. A relação de Macabéa com Deus foi construída a partir do medo e submissão, uma divindade que condena, como é descrito na narrativa:

Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia. (LISPECTOR, 1998, p. 34).

Um personagem inserido na obra que proporcionou excitação a Macabéa e, conseqüentemente, arrependimento ou sensação de culpa por sentir tal impulso foi Olímpico de Jesus Moreira Chaves, um operário, mas que preferia designar-se como metalúrgico, esta designação deslumbrou Macabéa quando ele se apresentou a ela, o casal perfeito, a datilógrafa e o metalúrgico, pelo menos pra Macabéa, ou pelo menos até sua colega de trabalho, Graça, uma mulher ardilosa, o roubá-lo.

A sensação de culpa quando Macabéa encontrava-se excitada por seu namorado, Olímpico, é resultado ainda da educação castradora que recebera de sua tia, tal análise se fundamenta quando o arrependimento está ligado à religião, molde que sua tia beata utilizava com o intuito de coibir seus impulsos, como Rodrigo S.M destaca em:

Macabéa, esqueci de dizer tinha uma infelicidade: era sensual. Como é que num corpo cariado como o dela cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse que tinha? Mistério. Havia, no começo do namoro, pedido a Olímpico um retratinho tamanho 3x4 onde ele saiu rindo para mostrar o canino de ouro e ela ficava tão excitada que rezava três pai-nossos e duas ave-marias para se acalmar. (LISPECTOR, 1998, p. 61).

Tal comportamento, segundo Freud, em “Cinco lições de psicanálise”, é fruto do desenvolvimento incompleto da função sexual, ocasionando assim, uma patologia devido à repressão sofrida, além dos sintomas mórbidos, como Freud salienta na quinta lição (Freud, 1909, p.31) “Reconhecemos que os sintomas mórbidos contêm certa parcela da atividade sexual do indivíduo ou sua vida sexual inteira”, morbidade incutida no próprio nome de Macabéa e na pulsão de morte que a constitui.

Assim, a relação estreita entre a obra de Clarice Lispector e a teoria de Sigmund Freud é excêntrica, a leitura psicanalítica de *A hora da estrela* guiada pelo instrumental de Sigmund Freud é prenunciativa e possibilita inúmeras observações acerca do sujeito que Clarice introduz em sua obra, Macabéa.

Referências

BARBOSA, Maria José S. **Clarice Lispector**. Des/fiando as teias da paixão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELLEMIN-NOEL, Jean. **Literatura e psicanálise**. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1978.

BIRMAN, Joel, 1946 -. B619e. Estilo e modernidade em psicanálise / Joel. Birman. — São Paulo: Ed. 34, 1997.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Literatura e psicanálise**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1996.

Entrevista concedida ao jornalista Julio Lerner, da TV Cultura, em janeiro de 1977, publicada quinze anos após sua morte, na Revista Schalom, v.2, n.296, 1992.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**, VOLUME XI, (1910-1909). Tradução Brasileira: Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa, 1931.

FREUD, Sigmund. “Escritores criativos e devaneio”. In:____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed.Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**, volume 08: O delírio e o sonho na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LACAN, J. “O aturdido”. In. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LACAN, J. “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein”. In: **Outros escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

REGNAULT, François. Essas esquisitices abundantes nos textos psiconalíticos.In: MILLER, Gérard (Org.).**Lacon**. Trad.luíz Forbes. Rio de Janeiro, Jorge lohor, 1989.

ROSENBAUM, Yudith. Literatura e psicanálise: reflexões. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 9, dezembro de 2012.

ROSENBAUM, Yudith. A ética na literatura: leitura de “Mineirinho”, de Clarice Lispector, **Estudos Avançados**, 2010.

TROCOLI, Flávia. Esculpir, pintar, escrever em Clarice Lispector. In: TFOUNI, L. V. (org.). **Letramento, escrita e leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

WINTER, Lígia Maria; MOTTA, Sérgio Vicente. O entrecruzamento erótico, pictórico e musical em A hora da estrela. **Estudos Linguísticos**, v. XXXV, 2006.

ZUCCHI, Marcia. Esse estranho que nos habita: o corpo nas neuroses clássicas e atuais. *Opção Lacaniana online nova série* Ano 5. Número 14, julho 2014.